

PERSONAGENS RECORRENTES NAS NARRATIVAS DE TRADIÇÃO ORAL DOS CABOCLOS DO OESTE CATARINENSE

Josiane Aline Geroldi
Licenciada em Letras

Resumo

Atualmente vários movimentos estão sendo criados para valorizar as manifestações culturais da cultura cabocla do Oeste Catarinense. Através do presente trabalho, nos propomos a colaborar com este movimento, através da identificação e análise referente as narrativas de tradição oral e os personagens recorrentes no imaginário social dos caboclos. Os dados foram coletados a partir das entrevistas realizadas para a construção do Inventário da Cultura Imaterial Cabocla – obra que faz parte da “ Série Documentos” do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina. Constatamos que os personagens recorrentes nas narrativas da tradição oral cabocla interferem nas práticas religiosas, nas condutas morais, nas relações com a natureza, no culto a lugares considerados sagrados e de forma abrangente na vida desta população.

Palavras chaves: Caboclos, narrativas de tradição oral, imaginário social, personagens recorrentes.

Ao falar contamos e ao contar compartilhamos informações. Nunca houve no mundo uma sociedade que não tivesse necessidade de contar-se, seja de forma histórica, mítica, explicativa, ou mesmo imaginativa. Através das mais diferentes histórias, por meio da narrativa oral, a humanidade passou sua sabedoria por gerações. Segundo BEMJAMIM (1994): “A narrativa tem sempre em si, muitas vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida” (BENJAMIN, 1994, p.04). Ouvir uma história, contá-la e recontá-la durante muitos anos, foi a maneira encontrada para preservar os valores e a coesão de uma determinada comunidade.

É através do imaginário social que as sociedades mantêm vivas suas tradições. O povo cria a partir de seu imaginário representações simbólicas do seu modo de vida e as perpetua aos demais membros do grupo social. Segundo FERREIRA (1992 p. 17), podemos afirmar que o imaginário social conta com “[...] um conjunto coordenado de representações, com uma estrutura de sentidos, de significados que circulam entre seus membros, mediante diversas formas de linguagem”. Gostaríamos também de ressaltar que nos pautamos na concepção dada por BACZKO (1985), o autor considera o imaginário social “como uma produção coletiva sobre as relações imagéticas de distintos grupos. Neste sentido o imaginário social é cada vez menos considerado como uma espécie de ornamento de uma vida material considerada como a única real”. (BACZKO, 1985, p. 297) Sendo assim, o imaginário figura a forma de superação da realidade, possibilita aos seres pensar e criar possibilidades de explicação para fenômenos do passado, presente e futuro, representa o processo de produção de conhecimento, interpretação das situações cotidianas e reflete desejos. Para MARQUES (1999),

É por meio do imaginário social que os grupos designam suas identidades, elaboram representações de si mesmos, impondo certas crenças comuns, impondo modelos formadores, instaurando uma tradição, como uma força reguladora de conservação e continuidade. (MARQUES, 1999, p.42)

Esse processo de pensar-se, imaginar-se e recriar-se possibilita ao homem a organização da vida social de maneiras diferentes, concebendo a realidade e expressando-a através de diferentes linguagens. Estas diferentes formas de linguagem (literatura

oral, artesanato, música, teatro e tantas outras manifestações.) constituem a *cultura*, para Corrêa (2008) “A cultura é um processo cumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores, que limita ou estimula a ação criativa do homem. Nesse processo criativo humano a cultura tanto pode ser perpetuada como recriada.” (CORRÊA, 2008, p.18). Sendo a cultura um processo cumulativo de informações, “cada um de nós (como diria LEVI-STRAUSS), é um espécie de encruzilhada onde acontecem coisas”, nossas experiências, modos de vida, crenças, hábitos, vão se somando ao que GEERTZ (1989) chamou de “Teia de significados”. Podemos traçar um paralelo entre esta teoria “onde a cultura constitui-se num entrelaçamento de símbolos interpenetráveis” e o seguinte raciocínio de CALVINO: “cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido” (CALVINO, 1999 p.05). Estes elementos da cultura diferem-se de acordo com o grupo social e o contexto onde vivem. Por isso podemos falar em: diversas *Culturas*. Para GEERTZ, a cultura deve ser vista,

Não como um complexo de padrões concretos de comportamentos – costumes, usos, tradições, feixes de hábitos, mas como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções, programas e pré-programas – para governar o comportamento. O homem é precisamente o animal mais dependente destes mecanismos de controle, extra genéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento. (GEERTZ, 1989, p.56)

Estes mecanismos de controle que são acionados através da cultura ajudam a formular a identidade cultural dos grupos sociais. Segundo CUCHE (2002):

A identidade cultural é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato. Para Barth, uma cultura particular não produz por si só uma identidade diferenciada: esta identidade resulta unicamente das interações entre os grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações. (CUCHE, 2002, p.182)

A identidade coloca o sujeito em relação com a sociedade e a sociedade em relação com os sujeitos, elas se constroem a partir de

semelhanças e ao mesmo tempo de diferenças, é a partir do outro que o homem passa a ter consciência do seu eu e do outro.

Pois a cultura é uma miragem objetiva que surge do relacionamento entre pelo menos dois grupos. Isto significa que nenhum grupo possui uma cultura sozinho: a cultura é o nimbo percebido por um grupo quando entra em contato com e observa outro grupo. (MARQUES, apud, JAMESON, 1994, p.29)

Nesta perspectiva podemos pensar que embora possamos falar em diversas culturas, elas não são independentes e estanques, existe uma inter-relação que, nos possibilita relacionar elementos entre culturas.

Entrar em contato com a cultura do outro através da interpretação do imaginário social nos faz acreditar que seja necessário uma aproximação de respeito e cuidado com os saberes cultivados, promovendo o respeito à diferença, e tendo claro que “a cultura é sempre identitária, mas, nenhuma identidade é feita de uma peça só” (SCHÜLER, p.10) (dada à inter-relação). Toda a vez que nos debruçamos sobre a cultura do outro, estamos entrando em contato com sua teia e consequentemente com a identidade cultural que este determinado grupo teceu em sua história. Para SANTOS (1987),

Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. É preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos. (SANTOS, 1987, p.26)

Levando em consideração este enunciado, nos cabe fazer um breve retrospecto histórico das experiências da população cabocla no oeste catarinense, para posteriormente entrarmos na análise de suas narrativas orais. Faremos assim, o que MARQUES (1999), chama dentro do conceito cultural: de análise do lugar de fala,

Que equivale a procurar a coerência, ou seja, a articulação ente a fala e a situação de tal forma que por sua inserção em tal estrutura a fala *signifique*. Mas significa procurar também a pertinência, ou seja, a busca da resposta de um discurso que se esforça por construir sua relevância com aquilo a que responde. Significa procurar a lógica que estrutura a fala numa dada situação, isto é, equivale a procurar em que lugar a fala faz sentido. (MARQUES, 1999, p.29)

Sendo assim, conheceremos um pouco da história e das experiências mais representativas vividas por este grupo étnico no Oeste Catarinense. Não nos aprofundaremos nas questões históricas, pois para isso já existem várias obras e pesquisas bem fundamentadas, nosso foco são as narrativas e os personagens recorrentes que são fruto dessas vivências.

O que vale como vivência não é algo que flutua e desaparece na corrente da vida da consciência, mas se constitui numa lembrança, numa memória, num conteúdo permanente de significados para aqueles que a tem vivido e legitimado. Está entranhada na continuidade da vida e se faz presente através de um processo relacional. ESTER MARQUES (1999)

No **Dicionário do Folclore Brasileiro** de Câmara Cascudo (1954), encontramos a forma “caboco”, sem o “l”, o folclorista defende que o “L” teria sido introduzido na palavra sem encontrar base nas diversas hipóteses etimológicas, ele afirma que o termo deriva do tupi *caa-boc*, que significa: “o que vem da floresta” ou de *kari'boca*, “filho do homem branco”. Essa origem etimológica da palavra parece carregar a essência do que seja um “caboclo”. É o que vem da floresta, mantém hábitos saudáveis de exploração da natureza e de vida, alimenta-se das coisas da terra, cria animais para sua subsistência, suas manifestações de religiosidade estão ancoradas no popular, no coletivo e na partilha, não preocupam-se em acumular e construir, ter grandes posses materiais e ocupam as terras para viver. Segundo RENK e SAVOLDI (2008),

Não há uma fenotipia única que possa caracterizar o caboclo. É uma etnia que partilha valores comuns, como a solidariedade, o destemor, a religiosidade popular, a honra, valores em relação ao tempo, sem preocupação em acumular; fazer para viver e saber viver hoje. (RENK E SAVOLDI 2008, p.13).

“A região Oeste Catarinense até as primeiras décadas do século XX, contava com a presença de indígenas e caboclos¹”. Estes habitantes mantinham as características e o modo de vida acima descritos, até a chegada na região de Chapecó e municípios vizinhos, das empresas colonizadoras e madeireiras vindas do Rio Grande do Sul. Em sua grande parte tratavam-se de descendentes de imigrantes de italianos e alemães, que com a promessa de terras férteis, abundantes e baratas migraram para

¹ Inventário da Cultura Imaterial Cabocla no Oeste Catarinense, 2008, p.12.

a região, para construir suas propriedades e “fazer prosperar” a região. Com intuito de se apropriar e legalizar as terras, que até então eram habitadas por caboclos e índios, que consideravam as terras aqui existentes como suas. Não por possuírem escrituras e documentos que lhe garantissem a posse, mas por acreditarem que por desta terra viverem, que tivessem direitos sobre elas, nesta imposição de apropriação de terras os conflitos foram inevitáveis, tratavam-se de questões que envolviam a honra dos caboclos. Essas disputas de terras tiveram pouca repercussão na história oficial, até mesmo porque se tratavam de “grandes” contra “pequenos” (e não se comparam aos conflitos do Contestado²), mas interferem diretamente nas relações sociais que foram construídas entre caboclos e colonizadores, nas práticas religiosas, costumes e na própria cultura. Na história de Chapecó, por exemplo, os migrantes de origem italiana e alemã até hoje são homenageados como grandes desbravadores³ destas terras. Pouco se fala nos habitantes que aqui viviam antes, no seu modo de vida e as relações que cultivavam com a terra.

² Ver item 4.1

³ Foto do Monumento: o Desbravador, localizado na Avenida Getúlio Vargas em Chapecó-SC.

Para os descendentes de imigrantes europeus no Oeste de Santa Catarina o que legitima a posse da terra é a categoria trabalho; embora plurivocal, evoca a transformação do espaço, a organização e constituição do campesinato e a construção de cidades. A positividade da categoria trabalho (na acepção de penosidade) encontra-se expressa nas mais diversas narrativas, imagens e monumentos. Nesse sentido, opõe-se contrastivamente aos caboclos e índios, que não trabalhariam e tampouco necessitariam de terra. (SAVOLDI e RENK, 2008, p.18).

A seguir podemos acompanhar o trecho de uma entrevista realizada com um caboclo em Chapecó. Ele relata as relações (que lhe foram narradas pelos antepassados) entre caboclos e colonos, especialmente ao que se refere à apropriação de terras:

Então, tinha uma taipa de pedra assim, e o corvo vinha e fazia ninho ali. Quando chegaram ali estes moradores [*colonos*], eles atavam um tição de fogo no pé do pobre animal e largava de noite, então ele ficava revoando em cima do ninho dele prá colhe os filhos e o povo [*caboclo*] no outro dia tava tudo mundo arrumando a mochila pra i embora, que era coisa do demônio que tava ali. Faziam sim, faziam de verdade, eles foram atropelado mesmo, atropelado do lugar, da terra. Chegava dizê o seguinte, eles botavam na cabeça, que o governo tinha mandado eles saí, eles saíam. Chegava na casa

de um caboclo velho, tu via que a barba pura cinza de fazê fogo no borraio e dissesse que o governo mandô pro senhor, que o senhor i lá na naquela outra ponta escolhe um lugar, pra campeã, prá fazê um rancho, ele ia lá, porque era o governo que mandava, era, ele ia de razão.⁴

Essas experiências que colocavam o povo em trânsito e até mesmo as relações sociais estabelecidas entre caboclos e colonos, dão origem a narrativas, “causos” que são repassados através de gerações.

Outro conflito envolvendo os caboclos que teve grande repercussão nacional, foi a guerra do Contestado. Nesta guerra sangrenta e injusta, caboclos sofreram com a desapropriação de terras, e se não bastasse ficar sem chão, sofreram ainda com a morte em conflitos armados, gerando desestruturação de famílias, eternizando memórias e lembranças repletas de medo, sangue, e estigmas de negativismo que se mantêm vivos nos dias atuais.

A guerra do Contestado ficou marcada na história e no imaginário dos habitantes da região Oeste de Santa Catarina. A batalha definiu os atuais limites do Estado e foi uma das mais sangrentas revoltas populares ocorridas no Brasil. Em cidades como Irani, Caçador e Curitibanos ainda é possível relembrar as marcas do conflito. Segundo Renk e Savoldi (2010) “a população cabocla do Oeste Catarinense tem construído sua história ancorada nas leituras das experiências de vida dos ancestrais e seus relatos sobre as revoluções riograndenses, e posteriormente a do Contestado”. Nesses episódios sangrentos a “população cabocla foi protagonista na luta pela terra”⁵.

A guerra do Contestado teve desde o início um forte caráter social. Este movimento foi provocado pela expulsão dos caboclos de suas terras, como uma das conseqüências das atividades econômicas promovidas pela grande empresa estrangeira: *Brazil Railway Company*, ligada à extração madeireira e a construção da ferrovia que teve apoio do Estado brasileiro. Além das terras que foram adquiridas pela empresa, ela ainda contava com uma concessão dada pelo governo brasileiro de 15 km de cada lado nas margens da ferrovia. Em conseqüência desta concessão, muitas terras pertencentes a caboclos e camponeses que não as haviam registrado, foram desapropriadas pela empresa.

O fato é que isso contribuiu para que os caboclos, que não tinham terras regularizadas juridicamente, fossem enxotados daquelas que

⁴ Entrevista realizada por Mirian Carbonera e Caroline Tedesco, no dia 2 de fevereiro de 2006 em Chapecó.

⁵ Artigo: Presença da Luta com Chica Pelega. SAVOLDI, Adiles; RENK, Arlene; GEROLDI, Josiane, Fazenda Gênero 9.

ocupavam. Tornando-se assim ainda mais excluídos do direito a uma vida digna. Essa situação de abandono e miséria agravou-se sobremodo, nos primeiros anos de 1900, quando o governo brasileiro concedeu ao (americano) Sindicato Percival Farquhar o direito de construir e explorar 15 km de cada lado da via férrea São Paulo - Rio Grande, para isso o sindicato constituiu a Brazil Railway Company. (FACHEL, 1995, p.52).

Essa desapropriação não se deu de maneira pacífica, quando os moradores das terras se recusavam a sair, a *Railway Company* enviava seu corpo de segurança para expulsá-los: Segundo AURAS, “Essa força paramilitar era composta de duzentos homens que agiam sem a menor complacência contra o caboclo, incendiando-lhes as casas e roças e, às vezes, até massacrando suas famílias.” (AURAS, 1984, p.40).

A indiginação dos caboclos e camponeses resultou inicialmente na organização de “redutos e/ou cidades santas”. Segundo Favarin⁶ “estas formas coletivas representavam uma resistência aos poderes dominantes da época. Nos ‘redutos’ a marca principal era a irmandade”. Irmandade esta que era conduzida e organizada pelo monge José Maria, que tinham expressivo controle e influência nas decisões tomadas pelo grupo. O monge representava consolo e esperança aos oprimidos que viam nele a imagem reencarnada de São João Maria. (como o monge caracteriza um dos personagens recorrentes das narrativas de tradição cabocla, iremos abordar o tema com maior ênfase posteriormente)

As análises descritas a seguir tiveram como fontes (em sua grande maioria) as entrevistas realizadas para o desenvolvimento do projeto: Inventário da cultura Imaterial Cabocla no Oeste Catarinense e entrevistas que foram realizadas no decorrer da realização do trabalho. Gostaria de ressaltar que as análises aqui descritas estão pautadas nas teorias citadas anteriormente. E os personagens aqui destacados foram os que apresentaram maior recorrência entre as narrativas pesquisadas. Vale destacar também que as expressões típicas e o dialeto caboclo foram mantidos na transcrição das entrevistas, haja vista que, “como” se fala também diz muito sobre “quem” fala.

“Causos” Caboclos.

Bruxas, Lobisomens, Mãe de Ouro, Boitatá, e outras tantas visagens e assombrações, constituem o imaginário social dos caboclos. Durante a leitura e análise das entrevistas, nos deparamos com a recorrência de vários personagens que, da mesma forma

⁶ FAVARIN, Roque Ademir - Contribuições da economia solidária para o desenvolvimento na região do Contestado - Universidade Regional de Blumenau – FURB.

como aparecem nos relatos caboclos, também estão presentes na cultura popular de forma mais abrangente e no folclore nacional, como é o caso do Lobisomem:

Lobisomem! [risos] Lobisomem eu sei, eu vi, eu tinha medo do lobisomem sim. De bruxa nunca, bruxa nunca vi, vi fala, má lobisomem vi quando tinha o Assis pequeno. Nós tinha uma casa de chão e o lobisomem vinha cavoca assim na vêra do barranco, pra entrá, pra pega ele, ele chorava muito de noite, tinha aquela choradeira de três mês, daí o lobisomem vinha na vêra da casa. Um dia eles deram um tiro, foi a vês que se sumiu, deram um tiro, acho que quebraram uma perna, porque daí tinha um véio lá perto de nós, ele foi pra cama e ficô uns seis mês na cama. Eu acho que era aquele o lobisomem, porque daí nunca mais veio⁷.

Essa história contada por uma senhora na cidade de Quilombo - SC assemelha-se muito com o personagem tradicional do folclore brasileiro. Segundo Luiz da Câmara Cascudo, considerado o maior folclorista brasileiro, o lobisomem seria um homem que em noites de lua cheia se transformaria em uma espécie de cachorro, lobo, com aspectos terríveis. Este homem que se transforma, seria alguém da própria comunidade e geralmente o sétimo filho de uma família de filhos homens, acompanhe a seguir o fragmento de outra entrevista:

Pois diz que existia, eu sobre isso posso afirmá, porque eu vi mais ou meno o tar de lobisomem. Naquele tempo antigo existia, o povo aguardava muito, neste tempo de quaresma ele aparecia muito né. O finado meu pai contava uma história, que diz que, lá em casa tinha que ir busca água, no olho d'água lá e tinha uma guaviroveira assim e veio tipo um cachorro, um homem assim e ela só encheu o barde d'água na fonte ali né, e correu daquele homem/cachorro, e trepô na guaviroveira. E dantes usavam saia de franela, e ficaram sabendo por causa disso. Diz que ela correu e trepô, mais ele guentô na roupa dela e puxou e tiro um eito de franela. E era o marido da muié, faça conta! E daí diz que puxo assim e fico com os dente assim que era pura franela, da cor da roupa dela, e ela disse que aquele cachorro saiu correndo tudo né! E daí ela meteu o pé, deixo, não levo água. Foi se aguarda na casa. Chego lá e fecho a casa, daqui um pouco ele apareceu né, com fome, e era o marido da mesma, diz que apareceu lá, "mais credo homem até essa hora?" "mais eu tinha que ter ficado até essa hora, é a minha obrigação". No outro dia cedo, disserto era o tempo de pioio, no outro dia cedo ele diz " - muié, eu parece que tenho pioio" " - mais credo

⁷ Projeto "Inventário da cultura Imaterial dos Luso Brasileiros no Oeste de Santa Catarina". Entrevistadores: Mirian Carbonera e Esiquiela Listone. Entrevistada: Maria Sutil Lima e Djaime Armino. Entrevista realizada às 10 horas, na cidade de Quilombo no dia 30 de abril de 2006.

onde se viu, de quem foi pegá pioio? Eu não tenho!” E pegou um banquinho, sentô assim, ele sentô lá e deitou no colo dela, pra ela campia, tirá os pioio... E ele muito cansado, dormiu um pouco e fez assim. Abriu a boca, e apareceu os dentes né. Ma tava cheio de fio, pedaço da roupa dela, daí diz que ela tomou um susto que deus zulivre. Daí bem degavazinho ela foi saindo dali, encosto a cabeça dele no chão, e meteu o pé, se foi. Se foi pras banda da casa do pai e da mãe dela, contá esse caso: - “mãe do céu, essa noite o fulano me deu um susto, ele se parô num cachorro, parece gente, parece um cachorro, e eu tava pegando água lá na fonte, tive que trepá naquela guaviroveira que tem lá, e hoje eu vi ele, tava com sono e pediu pra mim catá que tinha pioio...” Decerto Deus que tava dando aquela idéia dele, pra ela fica sabendo! Ficou quieta e foi, chegou lá e contou... Daí a mãe disse: “é lobisomem minha filha, então o teu marido é lobisomem”. Daí ela ficou muito assustada, ficou lá na casa dos pais um dia, no outro dia ele apareceu lá: “mais o que foi muié, você veio passia e não vortô mais” “ah, não vô mais, não vô morá com você, você tem um fardo muito ruim” diz que ela disse assim, “você tem um fardo muito ruim” e ela disse assim “eu contei a história que você me rasgo minha roupa, tava tudo no teu dente e é lobisomem, então não quero mais” então deu isso. Se existia dantes, acho que existe até hoje argum [algum] porque isso é tipo invisível né. Então dizia um cunhado meu, que existia aqui um tar de Chico Corá, Francisco Corá, que era daqui, ele dizia “lobisomem não ai, lobisomem é nós mesmo”⁸

⁸ Entrevistadores: Mirian Carbonera - Entrevistados: Noé Elisbão da Luz e Argemira Machado Luz. Entrevista realizada às 10 horas no dia 23 de março de 2006 na cidade de Guatambu.

⁹ Na religião Católica a Quaresma corresponde ao período de quarenta dias que antecedem a festa em comemoração a ressurreição de Jesus Cristo. A quaresma inicia na quarta-feira de cinzas e termina na quinta-feira da semana santa, quando os católicos de preparam para a Páscoa.

¹⁰ “Fardo” para os caboclos, significa o mesmo que ser amaldiçoado, enfeitado, etc...

¹¹ Ver item 6.2.

¹² Entrevistadores: Mirian Carbonera e Esiquiela Listone. Entrevista realizada com seu Severino às 13h20min, na cidade de Quilombo, na Linha Vista Alegre, no dia 30 de abril de 2006.

Podemos observar que as narrativas de lobisomem na cultura cabocla também estão estreitamente relacionadas ao batismo e a época da Quaresma⁹. Quem não se batizasse sofreria com um “fardo”¹⁰. Na época, os padres visitavam as comunidades de tempos em tempos e o batismo dos católicos acontecia muitas vezes de ano em ano ou em tempos até maiores. A saída era realizar o batismo em casa ou nas águas santas de São João Maria¹¹. No caso do lobisomem, para evitar o “fardo” entre os irmãos homens (no caso de uma família de sete), o irmão mais velho deveria batizar o mais novo, assim como é descrito na narrativa a seguir:

E eles eram em sete irmão e daí diz que...O caboclo tem essa que se existe numa família sete guri, o mais velho tem que batizá o mais novo que nasceu, pra que não seja lobisomem. Se for sete menina, a mais velha tem que batizá a mais nova, pra que não seja bruxa...¹² Diz que as pessoa naquele tempo, custavam muito à batizá, não havia meio argum, não sabia, ou e não se importavam, o povo era meio comum assim, então ia ficando e diz que se ficá sete anos sem

batizá, nesse período, se é muié diz que vira numa bruxa, fica um barboletão [*mariposa*] assim, e se é homem fica lobisomem. Que o homem é pior ainda, diz que chega comê bosta de galinha de noite, o lobisomem, e a bruxa tem um fardo bem mior, diz que se ela se vira numa bruxa, ela vai numa, já digo uma bodega, ela entra por um buraco da chave, e daí lá ela toma bebida.¹³

Como podemos perceber, além do lobisomem, outro personagem recorrente é a bruxa, que seria o “fardo” a ser carregado pelas mulheres. No interior da região Oeste Catarinense, as bruxas são representadas (em sua grande maioria) pelas mariposas, insetos muito semelhantes as borboletas, mas que se diferem por apresentarem cores escuras e hábitos noturnos, ao anoitecer invadem as casas em busca de luz artificial.

A lenda do sétimo filho do mesmo sexo se repete no “fardo bruxólico”. Mas como diz o entrevistado: o fardo da mulher é bem “mior” [melhor], na maioria das narrativas, a bruxa seria uma mulher que ao se transformar, conseguiria passar por qualquer fresta e até mesmo pelo buraco da fechadura das portas, sendo difícil impedir a sua entrada nas casas. Na cultura cabocla a bruxa também seria responsável pelo emagrecimento das crianças:

Uma mãe que tem sete menina e não tem nenhum menino no meio, uma é bruxa. E se entrá [a bruxa] e tem criança pequena e chupá o sangue da mãozinha, aquela criança seca e fica seca o resto da vida. Não pode deixar a casa aberta, não pode deixar ela entrá pelo vão da porta, senão elas entram. Diz que uma vez tinha uma bruxa lá e tinha uma mulher e ela disse: **Nossa Senhora!** E não era pra dizer: Nossa Senhora! E ela disserto disse: nossa senhora e ela [bruxa] saiu dando risada e ela [a mulher] fico pelada no balcão. E será que existia mesmo essas coisas? Acho que sim né!¹⁴.

A bruxa, quando nascia uma criança se chegava uma pessoa... Que parece que existia feitiço! Então pegava uma roupinha da criança e ia socar no pilão para que aquela bruxa não fizesse nada para aquela criança, era assim a tradição antiga, socavam a roupinha da criança no pilão, daí as bruxas não podiam fazê nada pra criança. É a tradição antiga, hoje já foi fora a tradição, já como se diz nos estudos da gente, a identidade da gente foi perdida foi perdida a identidade da gente, do verdadeiro caboclo¹⁵.

O costume de socar a roupa das crianças no pilão para que a bruxa não fizesse nada contra elas, demonstra como as narrativas, causos e personagens criados e repassados através do imaginário

¹³ Entrevista realizada com o Sr. Noé e a dona Argemira, por Mirian Carbonera, às 10 horas no dia 23 de março de 2006 na cidade de Guatambu.

¹⁴ Entrevistadores: Marcos Schuh e Caroline Tedesco. Entrevistada: Rita Alves Reato. Entrevista realizada no dia 2 de dezembro de 2005 na comunidade de Serraria Reato.

¹⁵ Entrevistadores: Mirian Carbonera e Esiquiela Listone. Entrevistado: Severino Prestes. Entrevista realizada às 13h20min, na cidade de Quilombo, na Linha Vista Alegre, no dia 30 de abril de 2006.

social, interferem no modo vida caboclo. Outro elemento que podemos destacar nessas narrativas, peculiar aos causos caboclos é a expressão: Nossa Senhora! Segundo as narrativas não é aconselhável utilizar a expressão na presença de uma bruxa, porque algo de ruim pode acontecer. A seguir, outro fragmento de entrevista que nos apresenta outro sentido para a expressão: Nossa Senhora!

Diz que uma vês se deu um caso desse, duma bruxa, porque diz que a bruxa, se ela tá aprendendo, não pode chama por **Nossa Senhora**. E diz que uma bruxa uma vês fez isso, tava numa bodega e tavam tomando vinho, diz que duas bruxa, diz que virum um copo no barcão, aquele copo caiu “QUIÉ”![som do copo quebrando] Diz que aquela bruxa que era aprendiz, não era bem bruxa ainda, diz que disse, “Nossa Senhora!”, diz que já se viro, ah, já se viro em pessoa, numa moça né, e não pode mais saí, e a outra que era companheira dela, diz que saiu pelo buraco da chave e foi embora, e ela ficou, diz que deu esse caso. É um caso que existe, diz que existiu. Que daí, quando no outro dia, deu falado, e a moça se escondendo sem roupa, sem nada, porque essas pessoa assim, bruxa e lobisomem, tem que tira a roupa, pra se torna essa parte. E a moça ficô lá, naquele tempo existia um pouco mais de vergonha, diserto a moça ficô com muita vergonha, mais teve que fica fechada dentro da bodega e os outros não sabiam de que jeito ela tava, foi permanece ali dentro da bodega, se assustando. Mas até que conseguiu, conseguiram se fala, diz que ela foi obrigada a contá, diz, “eu vim aqui e dispois não pude saí mais, eu me transformei numa bruxa e depois falei por Nossa Senhora e já me desvirei de vereda”, daí foi obrigada a contá. Diz que aconteceu, mais isso faz muitísimos anos, veja esse é um caso que contam.¹⁶

¹⁶ Entrevistadores: Mirian Carbonera. Entrevistados: Noé Elisbão da Luz e Argemira Machado Luz. Entrevista realizada às 10 horas no dia 23 de março de 2006 na cidade de Guatambu.

Então, a bruxa novata não poderia dizer: Nossa Senhora! Nos dois relatos onde a expressão é citada, o lugar da narrativa parece estar em um bar, o que nos remete à ideia de que as bruxas estivessem associadas a práticas ligadas ao consumo de bebidas. Durante a leitura e análise das entrevistas chegamos a um relato que embora se referisse à bruxa, sua prática assemelha-se muito com outro personagem do folclore brasileiro, o Saci Pererê,

A bruxa existe, porque eu vi. Isso é uma verdade que existe mesmo. A bruxa, quando existe um animal grande com aquela crina grande que vinha assim, ela vai de noite e faz uma trança, assim igual uma pessoa que faz a trança em outra, fazem a trança bem feitinha e ata bem atadinha na ponta. Outro dia o animal [está com] aquela

trança feita, quem é que fez? Foi a bruxa de noite e isso eu vi, porque aconteceu num cavalo meu, eu cansei de vê.¹⁷

O folclore nacional dá os créditos para tal prática ao Saci Pererê, menino negro de um perna só que faz travessuras nas casas e com os animais. O Caboclo parece reinventar o personagem para poder dar explicação ao fenômeno que, de fato acontece com certa frequência em alguns lugares, outro entrevistado quando interpelado sobre o assunto diz,

Naquela época cada um tinha um cavalo bom, então tinha aqueles que deixavam a crina comprida, uns tosavam normal. Aquela comprida, às vezes ficava trançada e uma trança difícil de desmanchar, então diziam o pessoal que era a bruxa, que veio e fez aquelas trancinhas, pra ela poder segurar e montar no pescoço do cavalo e sair andando no cavalo.

M: E acordavam de manhã o cavalo tava cansado!

N: É. Só que agora mostraram na televisão isso aí, num programa, não me lembro mais, um fez a pergunta lá e o ouvinte ligou pra ele e perguntou, se era a bruxa ou o que que era que fazia aquilo com o cavalo dele. E daí eles deram a resposta que é um morcego, um tipo de morcego que faz aquilo, não tem nada de bruxa, nem nada, é o morcego que faz pra ele ficar ali e chupar o sangue do animal, ainda disse o homem, pode levantar quando o animal tiver com a crina trançada, ergue ela e repara que está cheio de marca no pescoço dele, aonde o morcego chupou o sangue.¹⁸

A história é reinventada e ao mesmo tempo desmistificada, podemos pensar que neste caso a ciência retira o sentido do mito, quando dá uma explicação racional e coerente ao caso. O acesso aos meios de comunicação e conseqüentemente ao pensamento científico possibilitam as populações de modo geral, interpretar os acontecimentos, muitas crenças, hábitos e costumes são derrubados pela clareza científica que, contribui para o processo de transformação dos costumes dos grupos. Não se trata de uma condenação sobre o contato com a cultura científica, haja vista que é um direito de todos, mas nos cabe pensar como este conhecimento cético, também interfere nos mecanismos de percepção da identidade e da cultura popular.

Personagens como lobisomens, bruxas, mães de ouro, boitatá, mula sem cabeça, resistem ao tempo. Além das lendas típicas do folclore, os caboclos também relatam muitas experiências com “visagens”. No Inventário da Cultura Imaterial Cabocla as

¹⁷ Entrevistador: Mirian Carbonera E Entrevistados: Saturnino Gonçalves E Honorata Gonçalves. Entrevista realizada às 09h25min, na cidade de Caxambu do Sul, no dia 17 de março de 2006.

¹⁸ Entrevista realizada por Mirian Carbonera e Adiles Savoldi, com Normélio Franscisco de Vargas, no dia 26 de julho de 2006 na cidade de Piratuba.

visagens são definidas como entidades sobrenaturais. “As visagens eram comuns em determinados locais onde teriam ocorrido suicídios, assassinatos e acidentes.” (2008, p.61) e também acometiam os caboclos no anoitecer, nas estradas escuras, em lugares abandonados, é comum ouvir a expressão “este lugar é muito mal acompanhado” [mal assombrado]. A seguir uma narrativa de visagem:

Pra começa, não sei o que pode ser. Alguma coisa que vem do pensamento da pessoa, mais eu vi, eu vi fantasma! Eu gostava muito de saí de noite, de noite eu vi visagem. Eu passei uma picada grande e me apareceu um lagarto na minha frente, um lagarto tão claro que ele dançava na minha frente e eu mesmo me traumatizei com aquilo, e esse lagarto pra começá até me focou [iluminou], eu tava com o revólver na cinta podia ter atirado nele, ma não tinha condição, nem como atirá nada, de repente sumiu, quando eu saí fora do mato aquilo me arrepiou o cabelo. Outra noite eu saí, fui na casa de um tio meu, tava descendo a serra, isso era umas 7 horas eu tava na estrada, de repente um fantasma, uns diziam que era a mãe do ouro, outros diziam que não, daí ela vinha vindo, aquele fantasma, aquela coisa de fogo que vinha rodando, chego numa baixada e ela se escondeu, ficô só aquele clarão e aquele fâisquedo, sumiu... Eu até contei, uns diziam que era mãe do ouro, outros que era descarga elétrica. Outro dia eu vinha vindo da matinada, vinha a cavalo me aparece um cachorro na minha frente, aquele cachorro tava lá, eu finquei fogo, dei um tiro nele, ele correu pro mato, pra baixo, tacou-se uma ventania que parecia que ía arranca tudo aquele mato pra cima, quando aquele cachorrinho entrô pra dentro e daí me veio um medo, quando eu passei me deu medo, parecia que aquele cachorro tava agarrando em mim, aí eu montei no cavalo e fui, tem gente que diz que não existe visagem, mais eu me aconteceu umas 3 ou 4. Muitos desse tipo de coisa acontecia e aparecia mesmo. Eu fico agradecido de vocês virem procurá a gente, tem muita coisa pra esclarecê, muito obrigado¹⁹.

¹⁹ Entrevistadores: Mirian Carbonera e Adiles Savoldi. Entrevistados: Luiz Romildo Berlotto e Iloni Garcia Berlotto. Entrevista realizada às 13h40min, na cidade de Piratuba na Linha Zona Alta, no dia 16 de julho de 2006.

Além das visagens, as superstições também figuram o modo de vida caboclo. As superstições representam ensinamentos que são repassados entre gerações como práticas a serem seguidas ou não, para o bom funcionamento da comunidade, para manter a paz na família, não ter incômodo com almas penadas e estar em dia com as leis da natureza.

Segundo o dicionário de Cultura popular de Câmara Cascudo “as superstições participam da própria essência

intelectual humana e não há momento na história do mundo sem a sua inevitável presença”²⁰, na cultura cabocla não poderia ser diferente. Os caboclos mantêm vivas algumas práticas e outras já caídas no desuso estão presentes nos relatos.

Ah! Superstição? Assim, uma pessoa se mata, por exemplo, se dá um tiro, se enforca, ou né... A gente tinha que corta uma cruz, tinha que reza um terço, tinha que acende vela e tal, e é superstição. Tem alguma coisa né, por exemplo, quando morre uma pessoa, na época era velado dentro de casa aqui né, nesses banco ali e tal, daí quando saía, aquele banco já ficava lá numa altura da estrada, na época a estrada né, não era rua, então o cisco não era pra varre, se varresse era pra deixa lá naquele montinho lá a par daquele banco, até que desaparecia né.²¹

As práticas de não varrer a casa a noite e manter o luto também são recorrentes, assim como as superstições referentes à sexta-feira treze, o mau do mês de agosto, seguir as fases da lua para plantar e colher, assim como tantas outras credices estão presentes na oralidade popular.

Sexta feira 13, isso aí sempre existiu, superstição de... Tinha os dias certos assim, como nós plantava na lua certa, os caboclo tinha essa crença, era tudo católico, não existia protestante, era só católico.²² Eles achavam que alguma coisa não presta, faz pecado fazer tal coisa, faz pecado! Mas tinha mil coisa que não podia fazer, porque fazia pecado, aonde... varrê a casa, eles dizem que depois que anoitece não pode mais varrer a casa, faz pecado.... [Risos!] Qualquer coisa era pecado, era tudo bobajeira, o povo mesmo naquele tempo não tinha estudo, não tinha nada, era o que pensavam na cabeça.²³

Segundo os depoimentos dados nas entrevistas, as histórias e as superstições eram utilizadas para sossegar as crianças e segurá-las dentro de casa ao anoitecer: “Contavam e a gente prestava atenção e tinha medo, assustavam e diziam: “não sai pra fora que tem bruxa e lobisomem, pra ficar dentro de casa.”²⁴. Histórias também eram contadas durante a noite, quando a família se reunia em volta do “borraio” [fogo de chão], como forma de entretenimento, para passar o tempo e esperar o sono chegar. Numa época onde não se ouvia falar em televisão e em muitos lugares a energia elétrica ainda demoraria muito tempo a chegar (em alguns ainda não

²⁰ Disponível em: educaçao.uol.com.br/cultura-brasileira/ul-t1687u10.jhtm

²¹ Entrevistadora: Mirian Carbonera. Entrevistado: José Leonardo Rosa de Oliveira e Lurdes Marlene de Oliveira. Entrevista realizada no dia 13 de dezembro de 2006, às 13h50min na cidade de Xanxerê.

²² Entrevistadoras: Mirian Carbonera e Arlene Renk. Entrevistado: Darcy Kastner Pontes. Entrevista realizada às 13h45min na cidade de Campo Erê no dia 29 de junho de 2006.

²³ Entrevistadora: Mirian Carbonera. Entrevistada: Laudelina Moreira. Entrevista realizada às 9h na cidade de Guatambu no dia 24 de março de 2006.

²⁴ Entrevistadores: Mirian Carbonera e Caroline Tedesco Duarte. Entrevistada: Rita Fernandes da Silva. Entrevista realizada às 14:20 na sede de Chapecó no dia 30/01/2006.

chegou) os “causos” narrados se transformavam na maior forma de transmissão de conhecimentos, sabedoria, arte e entretenimento.

Mas a gente também sabe muitas histórias, que interte [distraí] né, porque tem muitas vezes que a pessoa fica ali, aham, até dormi dorme se não tive um... alguma coisa pra contá né, então quem tem bastante anos de vida, que já passou por trechos tão bão como ruim também, já aconteceu né a pessoa vai falá.²⁵

²⁵ Entrevistadoras: Arlene Renk e Caroline Tedesco. Entrevistado: Ademar Ribeiro. Entrevista realizada no dia 23 de janeiro de 2006, às 14h29min.

Como dito anteriormente, essas histórias e estes personagens assemelham-se muito com os personagens populares do folclore brasileiro, tendo, é claro, as especificidades e características da região e do grupo em questão. Estas narrativas são riquíssimas em detalhes e nos ajudam a figurar os modos de vida, a religiosidade e a cultura desta população. Porém, nesta pesquisa iremos nos centrar em dois personagens específicos: São João Maria e Chica Pelega. Fizemos este recorte e daremos este enfoque, por se tratarem de personagens específicos do imaginário e da cultura oral cabocla.

Parte de uma sobrevivência que é e está no cotidiano de cada um, passam a representar não só os padrões culturais construídos nas comunidades, mas também os padrões socialmente interpretados de outras esferas culturais. Neste caso, o mundo da vida cotidiana não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros da comunidade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem a suas vidas, mas é um mundo comum que se origina no pensamento e na ação dos homens, sendo afirmado como real por estes. (MARQUES, 1999, p. 44)

Os monges – Narrativas sobre São João Maria

As narrativas sobre os monges não são exclusivas do Oeste Catarinense, existem registros históricos que afirmam que eles (a história registra o surgimento de três) realizaram andanças por diversas regiões do país (esta pesquisa está centrada nos relatos registrados na região Oeste de Santa Catarina). Segundo registros o nome verdadeiro do primeiro monge seria João Maria d’Agostinho, um andarilho vindo da Itália. No livro de registros de estrangeiros resgatado por FACHEL (1995) consta o seguinte registro: “João Maria d’Agostinho, natural de Piemonte, Itália, idade 43 anos, solteiro, profissão de Solitário Eremita, vindo para exercer seu ministério.” Segundo Welter (2007,p.16)

Chegado ao Brasil em 1844, circulando especialmente pelo Caminho das Tropas (entre São Paulo até a fronteira dos países sul-americanos Paraguai, Argentina e Uruguai), sendo reconhecido como peregrino, monge, anacoreta, curador e profeta, ou João Maria de Agostinho. Depois de seu suposto desaparecimento (por volta de 1875), teria surgido outro peregrino que ficou conhecido como João Maria de Jesus. (WELTER,2007.p.16)

O segundo monge/peregrino seria João Maria de Jesus, assumiu os mesmos hábitos do primeiro no que se refere aos ensinamentos, práticas alimentares, trato com ervas e acabou sendo reconhecido como sucessor do primeiro. A semelhança entre os dois primeiros monges é tão grande, que o povo os considerava um só.

O terceiro Monge seria José Maria, este teria surgido por volta de 1911 e segundo alguns historiadores seria um antigo militar, lutava pela volta da monarquia e sua biografia está estreitamente ligada a conflitos de luta pela terra, como é o caso, no Oeste Catarinense, da guerra do Contestado. Ele usava os mesmos métodos dos antecessores, na cura dos doentes, nas profecias, mas tendo destaque na liderança dos caboclos. Em algumas entrevistas os caboclos parecem ter clara a existência de mais de um João Maria.

Eles achavam que, eu não sei, ele parece que o São João Maria mesmo. Parece que depois apareceu outro, mais o São João Maria veio mesmo da Itália, dizem que ele veio da Itália, o São João Maria, que é o mesmo estilo desse aqui e daí esse aqui no Brasil, parece que ele tomou essa direção de São João Maria.²⁶

Na região Oeste são comuns as narrativas sobre São João Maria, embora a história registre o surgimento de três monges, para a grande maioria da população os três eram um. Porém, vale destacar que o monge José Maria (atuante na guerra do Contestado) era considerado por muitos caboclos como um impostor que se dizia sucessor de São João Maria para ter popularidade. Independente disto, em muitas narrativas no Oeste Catarinense, o personagem e o nome São João Maria é recorrente, e será assim identificado no decorrer das análises.

Segundo Welter, João Maria aparece na literatura como personagem do passado, sendo no máximo lembrado como uma figura lendária ou como um mito mantido no imaginário popular

²⁶ Entrevista realizada com seu Darcy Kastner Pontes por Mirian Carbonera e Arlene Renk às 13h45min na cidade de Campo Erê – SC, no dia 29 de junho de 2006.

por meio de narrativas (CABRAL, apud. WELTRE, 1979). O que percebemos na análise das narrativas dos caboclos é que mesmo tratando-se de narrativas do passado, para muitos, seus efeitos, milagres, profecias continuam causando efeito no presente. E por isso constituem o imaginário e a cultura das diversas populações que o seguem, seja através da devoção, através das águas santas, profecias ou mesmo resgatando seus ensinamentos sobre as plantas e ervas medicinais.

A apresentação das narrativas iniciará do ponto de partida que a própria história nos apresenta: São João Maria - o monge peregrino. Segundo relatos, ele andava pelo mundo, não tinha moradia fixa, passava os dias andando pelas estradas abertas pelas tropas, alimentava-se com couve, usava barba e cabelos compridos, e trazia consigo apenas uma trouxinha com alguns utensílios, e pequenos objetos. Em suas andanças, parava para pedir “poso” (pernoite/descanso) nas casas dos caboclos e fazendeiros dos caminhos que cruzava. Assim como nos descreve o senhor Lizário Ferreira, caboclo que vive na região de Chapecó:

Ele chegava nas casas da gente naquele tempo, ele posava, não era em tudo as casas, ele escolhia a casa pra chega. Ele chegava, fazia um montinho de cavaco e fazia fogo, ele tinha uma chocaloterinha de lata, uma panelinha, coié, tudo e usava. A comida dele era couve, levava um feixinho de couve assim e cortava aquela couve bem fininha, temperava e comia.²⁷

²⁷ Entrevista a ser realizada com o senhor Lizário e dona Senhorinha por Mirian e Esiquiela às 16h15min na linha Nossa Senhora de Lurdes, no município de Chapecó no dia 31 de maio de 2006.

As narrativas sobre as visitas do monge andarilho são recorrentes entre a população cabocla. O modo/hábito de vida do monge é conhecido pela grande maioria, especialmente pelas pessoas mais idosas, que narram ter visto e acolhido o monge. Há uma ênfase muito grande ao fato de alimentar-se somente com couve. Em quase todas as narrativas a couve é um elemento presente, o que parece que para os caboclos poderia ser até um exemplo a ser seguido, como se representasse o desapego às coisas mundanas, alimentando-se apenas do necessário para sobreviver e dar sequência a sua missão. E se relembrarmos as estruturas econômicas e de sustento deste grupo, veremos que os caboclos sempre tiveram como práticas alimentares, exclusivamente os produtos naturais cultivados e criados em suas pequenas terras.

Receber a visita de São João Maria era motivo de muita honra, não representava simplesmente dar guarida e alimento a um velho andarilho, o monge fazia milagres e segundo alguns,

transformava a vida das famílias, há relatos de que se a família o acolhe-se e o trata-se bem, (especialmente sem saber de quem se tratava) a família era beneficiada/abençoada, caso contrário, era amaldiçoada pelo monge, com a punição de insucesso na lavoura, falência, mortes na família etc.. Outros narram milagres, e coisas fantásticas que o monge conseguia fazer, como acender o fogo sem lenha, estar em dois lugares ao mesmo tempo, enfrentava visagens, tempestades e chuvas sem se molhar e curava os doentes.

Ele chegô na casa da falecida minha avó e ela tava grávida. E ele fez a couve com canjica numa panelinha assim... É causo de antigamente. Ele encheu aquela panelinha de comida assim, no terreiro, o fogo dele era de sabugueiro, a lenha dele era de sabugueiro, ele fez, enfiou aquela panelinha de tamanho assim de comida. E daí ela tava grávida, ele alcançou o prato, daí que ela comeu três pratada de comida e a panela continuava cheia a mesma coisa, não abaixou.²⁸

São João Maria era considerado, (e era assim que ele se identificava) como um enviado de Deus. Para os caboclos, sempre muito crentes na religiosidade, todos os fenômenos que presenciavam diante do monge tinham influência de poderes divinos. Relatos afirmam também que o monge sempre fora muito educado e cortês, espalhando sua sabedoria pelos caminhos onde passava,

Óia, na casa da minha avó ele também chego pedi poso, daí a minha vó disse pra ele: “óh, eu não posso te dá poso porque minhas filha tão tudo em casa e eu sô sozinha”, daí diz que ele disse: “bah, mas você tá muito enganada, se alguém qué fazê o mau pra você, vem e não fala nada pra você. Só me arrume umas foinha de couve pra mim fazê uma comidinha que depois eu vo embora”. A minha avó sempre contava isso aí né. A comida dele é couve.²⁹

Estes ensinamentos do monge são repassados de geração para geração, no caso acima o anúncio do ladrão, do bandido, larápio, que chega e não diz nada, ao contrário de um homem justo e de bom caráter. De qualquer forma, as vontades das famílias sempre eram respeitadas, de modo que com dificuldades para encontrar poso, o monge abrigava-se em grutas ou embaixo de árvores onde fazia sua fogueirinha e fazia verter a Água Santa (que veremos adiante).

²⁸ Entrevista realizada com seu Severino por Miriam e Esiquiela às 13h20min, na cidade de Quilombo, na Linha Vista Alegre, no dia 30 de abril de 2006.

²⁹ Entrevista realizada por Josiane Geroldi na Linha Cachoeira, interior de Chapecó-SC, com a Dona Maria, no dia 23 de junho de 2010.

Em sua grande maioria os caboclos contam com orgulho sobre as visitas recebidas por seus antepassados. Receber o monge em casa era como “ser escolhido por Deus”. A visita do monge representava melhoria nas condições de vida da família, cura dos doentes, e suas palavras eram guardadas como profecias, eram considerados verdadeiros ensinamentos sobre “as leis de Deus e dos homens”, tendo inclusive maior influência do que o discurso dos próprios padres que visitavam a região. Há quem diga que ele atuava como um “catequista”, profeta, sábio. O senhor Antonio, morador do distrito de Marechal Bormam em Chapecó, conta que São João Maria sabia distinguir pessoas boas de pessoas ruins, para as boas ele oferecia sementes que produziam muito, trazendo muito dinheiro para família, acompanhe um trecho,

A minha mãe contava umas história do São João Maria, que é engraçado porque serve de lição pra hoje, tem gente que as vezes é bão, mas das veis não pode tê nada, e daí tem que sê pobre, porque o dia que ele tiver uma camisa a mais que você, não te olha mais na cara, (...)e era disso aí que São João Maria falava, a minha mãe contava isso aí, diz que ele chegava com outros dois, agora me esqueci o nome, devia de te escrevido, mas era assim que nem uns apóstolo, gente que nem nós. Diz que eles chegavam, eles viajavam né, diz que se ele desse uma laranja pra você plantá a semente, diz que o que dava de laranja, que chegava derrama dos pé, diz que dava e a pessoa “explodia” (ficava rica). E eles chegaram em três, o João Maria e mais dois, diz que chegaram na casa de um homem, diz que ficou, dormiram um pouco, comeram junto com o homem. E diz que o São João Maria sabia mais ou menos como que a pessoa era, e diz que ele carregava uma bolsinha anssim, cheio de semente de trigo, daí diz que o homem pediu “mas olhe, você não vai me dá nem um punhadinho desse trigo?”, daí diz que o João Maria disse que não. Daí diz que ele falou, “ não vô dá porque esse homem aí não merece”. E os dois “Mas não diga, mas esse aí te deu de comê”, “mas esse homem o dia que ele tivé qualquer coisa ele não olha mais pra gente, ele nem manda mais nós se chega nas terra dele. Daí diz que os dois insistiram e ele disse “óia, eu, se vocês querem que eu dô, eu dô semente de trigo pra ele, só que não merece”(...)”.³⁰

³⁰ Entrevista realizada por Josiane Geroldi com o Senhor Antônio Sebastião Schinaider em Chapecó, no dia 01 de outubro de 2010 às 10h15min.

Histórias como essas passam por gerações e vão ganhando elementos específicos do tempo de quem conta. São João Maria é um personagem vivo no imaginário, como vimos, seus ensinamentos e sabedoria estão presentes no dia a dia dos caboclos. Suas histórias possuem beleza e valor, nunca perdem

de vista o objetivo de falar sobre o humano e o mundo. No final da entrevista, Antonio diz que “E isso existiu né, o povo naquele tempo acreditava muito, só tinha isso aí pra acredita né.” Ou seja, esta era a forma de comunicação dos conhecimentos e valores, contar uma história de João Maria, era (até hoje é) como dar um exemplo, de atitude, honestidade e fé.

A fé no monge encontra suas manifestações em vários elementos que fazem parte do cotidiano caboclo. Entraremos agora nos sentidos produzidos através das narrativas sobre as Águas Santas.

As águas Santas

Os lugares onde João Maria “posava” (passava as noites), especialmente quando se tratavam de lugares como grutas, campos ou embaixo de árvores, passavam a ser considerados lugares santos, segundo os caboclos o lugar podia ser seco, não ter sinal nenhum de água,

E o lugar que ele posava podia se lugar seco como aqui. Onde ele posava vertia água, fazia um olho de água e era santa, aqui no Casimiro tem onde ele posô. Ele posô ali e deixô água santa ali, a senhora pode olhá na água que ele posô, deixô dito tudo pontinho branco dentro da água, parece pedrinha que relâmpeia assim na água firme, parece assim um gelo, São João Maria foi a cura, tá loco!³¹

Os lugares de pernoite do monge deram origem às populares Águas Santas de São João Maria, estas águas até hoje (embora com menor frequência) são usadas para realizar batismos, simpatias e promessas. Segundo os caboclos elas têm o poder para curar diversas doenças, a santidade da água é afirmada pelos caboclos a partir de relatos como esse:

SP: Vocês vão pra Quilombo, descendo aqui dá 2km, diz que São João Maria passou ali e existia as fontes de água, onde ele tomava água, aonde ele se abaixava toma água, o povo considerava aquela fonte, água de são João Maria e tomavam pra remédio, curava qualquer doença, aquela água que ele tomava, ele tomava e abençoava a água, então a tradição do povo, era remédio, através da fé que as pessoas tinham né, aí eles se curavam com aquela água.

MC: e ainda hoje dá pra ver essa fonte?

³¹ Entrevista realizada com o senhor Lizário e dona Senhorinha por Mirian e Esiquela às 16h15min na linha Nossa Senhora de Lurdes, no município de Chapécó no dia 31 de maio de 2006.

³² Entrevista realizada com seu Severino por Miriam e Esiquiela às 13h20min, na cidade de Quilombo-SC, na Linha Vista Alegre, no dia 30 de abril de 2006.

SP: só que hoje ta protegida, ta encimentada tudo, mas ta ali a fonte, ela não abaixa e não aumenta pode dar enchente pode dar o que der, ela ta sempre do mesmo jeito.³²

A afirmativa sobre a eternidade da água também é bastante frequente, muitas pessoas garantem que mesmo diante das piores secas, quando muitas comunidades e famílias ficam com as fontes secas, as águas de São João Maria permanecem sempre iguais, não sofrem com as alterações climáticas.

Nessa água aqui, que tem ali nessa igreja, secava todas as águas e aquela água nunca seco. Foi ali que ele acampô e começou aquela crença dele e justamente (...) por causa dessa água que nunca seca, tem uma caixa de água, até arrumaram melhor agora e nunca seco, uns começaram acredita porque, secava tudo por roda por aí e lá toda a vida na mesma maneira.³³

³³ Entrevista realizada com seu Darcy Kastner Pontes por Mirian e Arlene às 13h04min, na cidade de Campo Ere no dia 29 de junho de 2006.

A água inesgotável representa a fonte viva de São João Maria, para muitos simboliza sua permanência em meio ao povo, algo de milagroso deixado pelo monge a seus seguidores. Em resposta a esses presentes, as comunidades mantêm preservados os espaços das águas, construindo igrejinhas e santuários para proteger as fontes.

Há quem afirme também que colocar um pouco da água santa no poço que secou faz com que a água volte. Até hoje muitas pessoas visitam estes lugares, levam garrafinhas de água benta para casa. No passado muitos se dirigiam até as fontes para batizar as crianças,

Eu fui batizado, sim. Nas águas Santas de São João Maria, até inclusive aqui na nossa região aqui, tem vindo os meus neto, mas vem lá de Rio Grande, e tem a água ali, aqui na Cachoeira tem a Água Santa, que eles chamam a água santa né, água de São João Maria, nós vamos ali leva um litrinho d'água né. E lá vão repassando, gastam só um pouco. É aquela fé antiga né, que eles têm no São João Maria, eles usam pra batiza né...³⁴

³⁴ Entrevistadoras: Arlene Renk e Caroline Tedesco Duarte. Entrevista realizada com o senhor Ademir Ribeiro no dia 23 de janeiro de 2006, na linha Almeida – Chapecó.

WELTER (2007), afirma que João Maria está inserido em quase todas as manifestações de religiosidade dos antigos “joaninos” (seguidores/devotos/crentes de João Maria). Além do batismo eclesial, realizado pelos padres ou ministros da igreja, o batismo também era realizado nas águas santas, que eram procuradas por serem sagradas e abençoadas pelo Santo

popular. Segundo WELTER (2007), com a falta de sacerdotes e a necessidade de cristianização dos povos, a própria igreja permitia adequações referentes à iniciação das crianças na igreja, para lhes “salvar as almas” e para os caboclos: livrá-los dos fardos bruxólicos, como visto anteriormente.

Na época era verdade, eu sou batizado naquelas águas sim, o meu pai levava a gente lá, dava doença da vista. Na época a gente não comprava remédio, ia lá tomar aquela água e trazia nos vidrinhos pra lavar as vistas, sarava. Não tinha remédio, hoje é tudo químico. Batizei todos os meus filhos na água. Eu fui nesses últimos anos, faz uns 15 anos pegar uma água pra batizar esse aqui [refere-se ao filho] é o último que eu fui, depois não fui mais.³⁵

A religiosidade e a fé em São João Maria também se manifestam através de simpatias, promessas e pedidos de proteção. É comum observar oferendas, flores e objetos que são depositados próximos às Águas Santas como pagamento de promessas feitas ao monge.

Até tinha lá um tempo muita cruz e tinha muita muleta, levavam flor, levavam muleta também, até eu encontrei um que andava a pé, eu ia passá... daí eu parei o carro quis dá carona, ele não, ele tava com muleta, daí diz que tinha feito uma promessa e que ia lá, nem que chegasse no outro dia, ele me respondeu, aí ele foi lá e diz que deixô a muleta lá e veio, daí ele começou a caminha. Crença né, é que quem tem Deus, tem Deus disserto, acreditava nele e Deus mandô também.³⁶

Outro sentido que pode ser destacado entre as narrativas sobre João Maria, refere-se às cinzas de suas fogueiras que também eram consideradas santas. A população tinha o hábito de recolher as cinzas que supostamente restavam das fogueiras feitas pelo monge e usavam como amuletos, como remédio em chás, para espantar temporais e as demais peripécias e dificuldades que o dia a dia lhes apresentava. Segundo relatos, quando chegava à notícia que o Monge andava pela região, os caboclos chegavam a percorrer vários quilômetros em busca das cinzas e de rastros do Santo³⁷.

Daí aquela cinza levava pra casa, quando aprontava tempo feio pra dá tormenta era só pegá um pouquinho daquela cinza pra casa e quando se aprontava tempo feio, assim pra dá tormenta era só pegá

³⁵ Entrevista realizada com o seu Moacir Brisola, na Linha São Pedro próximo à Baronesa da Limeira no dia 3 de fevereiro de 2006 às 9h45min.

³⁶ Entrevista realizada com seu Darcy Kastner Pontes por Mirian e Arlene às 13h45min na cidade de Campo Erê no dia 29 de junho de 2006.

³⁷ São João Maria, era considerado Santo apenas na religiosidade popular, para a igreja católica ele não passava de um fanático religioso.

³⁸ Entrevista a ser realizada com o senhor Lizário e dona Senhorinha por Mirian e Esiquiela às 16h15min na linha Nossa Senhora de Lurdes, no município de Chapecó no dia 31 de maio de 2006.

um pouquinho daquela cinza e pinchá pra aqueles lados, já pára a tempestade. Uma pessoa fica doente, fazia um chá e colocava um pouquinho também, era remédio também. O tição que ele acendia o fogo fazia milagre.³⁸

Cruz de Cedro

A passagem do Monge João Maria também é caracterizada pelas cruzes de cedro, segundo os relatos, em suas andanças o monge plantava uma cruz de Cedro que marcava a sua passagem pelo local e também a religiosidade daquela comunidade ou cidade que havia sido visitada pelo monge. A presença da cruz de João Maria garantia a proteção do lugar contra catástrofes climáticas e demais adversidades. Até hoje muitas famílias tem o hábito de plantar a cruz de cedro em frente às casas em sinal de proteção, homenagem e devoção ao monge. Afirmam também que as cruzes brotam e transformam-se em árvores.

Tanto a água como a cruz de cedro são elementos simpáticos de João Maria. São, portanto, veículos de seu poder, seja ele de cura, proteção contra os males ou o mal, e a favor dos “joaninos” nas suas lutas políticas. A cruz traz a proteção para o espaço e para as pessoas no espaço definido como de abrangência do efeito da cruz. Assim, a cruz traz de João Maria, tornando-o presente, proteção, devoção e força política. (WELTER, 2007, p. 104)

Em muitos lugares no Oeste Catarinense existem santuários que foram construídos próximos às cruzes, estes espaços são visitados e como no caso das águas santas também são referências para o pagamento de promessas, pedidos de proteção, etc.

Profecias de São João Maria

Segundo WELTER, São João Maria teria previsto o surgimento de inovações tecnológicas como a energia elétrica, telefone, internet, televisão. “Ele falaria por metáforas, como seria típico dos profetas, e só aos poucos estas inovações foram sendo decifradas pelos joaninos” (WELTER, 2007, p.172). Na região oeste de Santa Catarina este tipo de discurso é recorrente,

São João Maria foi um santo monge, ele só falou a verdade, ele contou pro povo o que nós tamo vendo hoje. Então, naquele tempo se reuniam muito nas casas, eu me lembro que eles se reuniam e

davam contado o que o São João Maria contava, naquele tempo não tinha rádio, não tinha televisão, ele falô que ia chegá uma época que o povo ia pegar as notícias de muito longe, pelo telhado das casas. Pra eles era uma novidade, como que vai ser isso? São João Maria disse que ia chegar um tempo que os pobres vinham pra cidade e os ricos iam para o interior, mas o pessoal ficou doido, como que pode isso né. Não é verdade? Os granjeiros não tão... Aonde tão os donos dos sítios? Das terras? Estão sofridos na cidade né, tem que dar no trabalho né. Então tudo que ele falava eles guardaram por lembrança e era uma história deles.³⁹

João Maria era visto como um profeta enviado por Deus, isso lhe proporcionara o dom de anunciar desastres climáticos, tempos de discórdia entre os povos, mortes, guerras. Segundo Welter (2007) o monge tinha o poder de anunciar a vontade divina na terra, esse “Dom”, lhe habilitaria a ensinar, corrigir condutas, aconselhar sobre os comportamentos aprovados por Deus. Segundo a autora, para muitos a nomenclatura “São João Maria” que caracterizaria o santo e o profeta andam lado a lado. É como se o santo tivesse autoridade para profetizar.

As profecias de João Maria são reafirmadas no presente, através das narrativas de concretizações proféticas. Uma das profecias mais difundidas pela população cabocla no Oeste refere-se ao desaparecimento da comunidade Goio-Ên. Segundo as narrativas, o Monge teria chegado na beira do Rio Uruguai naquela comunidade e teria solicitado a um balseiro que o transportasse para o outro lado. Desconfiado daquela figura maltrapilha, o homem teria cobrado do monge quantia de que ele não disponha e negou-se a fazer a travessia de forma gratuita. Diante da negação do balseiro, dizem que São João Maria tirou do bolso um pequeno lenço, o estendeu sobre as águas do Rio Uruguai e fez a travessia, sem problemas. Decepcionado com a ganância e arrogância do balseiro, o monge rogou uma praga, dizendo que aquela comunidade nunca iria progredir e chegaria até mesmo a desaparecer.

O que surpreende a população cabocla na região oeste é que, em consequência da construção da Usina Hidrelétrica *Foz de Chapecó*, a região onde estava localizada a comunidade precisou ser desabitada e lentamente está sendo coberta pelas águas do rio. Cumprindo-se a profecia do monge. Os moradores da comunidade Goio-Ên, foram re-localados para outros espaços e agora o lugar terá apenas algumas obras que visarão o desenvolvimento do turismo local.

³⁹ Entrevista Realizada com Dona Rita por Mirian Carbonera e Caroline Tedesco Duarte, às 14h20min na sede de Chapecó no dia 30/01/2006.

Segundo WELTER, as interpretações sobre o desaparecimento de certas cidades ou localidades são diversas, mas geralmente são justificadas em função do comportamento humano. Além das profecias referentes a desastres naturais, decadências de famílias e lugares, João Maria também anunciava mortes, a falência de agricultores que negavam a lhe dar hospedagem ou comida e julgava as condutas morais da população. Segundo WELTER (2007),

Os discursos proféticos atribuídos a João Maria são formulados e reproduzidos pelos joaninos no presente, embora refram-se freqüentemente ao passado e ao futuro. Possuem referências ostensivas dos sujeitos que os elaboram, podendo estar vinculados a preocupações ou situações concretas ou com o futuro. Os discursos, portanto, são formas apropriadas de exprimir desejos, emoções, refletir a respeito de aspectos, às vezes, confusos da vida ou reforçar valores éticos, religiosos e sociais. Estes discursos, uma vez formulados, assumem uma autonomia que favorece outras interpretações, por parte de outros sujeitos, para lidar com seu mundo. (WELTER, 2007 p.165)

Sobre as profecias de morte, encontramos alguns relatos durante as análises das entrevistas, acompanhe:

Um dia a mãe tava tirando leite de manhã, ele parô e disse pra finada mãe, “ali na frente tem uma casa que a muié vai ganhar nenê, mais ela não vai se salvar, nem a criança”. E era comadre da finada minha mãe, a mãe ficô quieta, não falou nada. “E é daqui três dias”, nos três dias a mulher ficô doente e morreu, não pôde ganhá a criança.⁴⁰

A minha avó falou com o São João Maria, ela tinha uma filha que ia casar, chamava-se Trindade, irmã da minha mãe, tava pronta pra casar, naquele tempo casava muita novinha né, ela tava com quatorze ou quinze anos de idade e ia casar, e minha vó foi lá e levou a guria né, [para João Maria benzer] ele olhou e disse assim pra minha avó: “trate bem ela, trate bem dela, cuide dela, agrade bem ela pro casamento dela”, fez assim e minha avó ficou em dúvida. Né [não é que] que ela morreu! Quando fez uns quinze dias ou vinte dias depois, antes do casamento, ela tava menstruada e naquele tempo não tinha banheiro, não tinha nada, era água de rio né, e ela foi e tomou um banho em um dia frio no rio, atacou sangue pra cabeça, estourou sangue pelo nariz, não deu pra acudir, porque não tinha médico, o dia que era para ela casar ela já estava morta, foi enterrada no cemitério vestida de noiva, a irmã da minha mãe, ele

⁴⁰ Entrevista realizada com o senhor Lizário e dona Senhorinha por Mirian e Esiquiela às 16h15min na linha Nossa Senhora de Lurdes, no município de Chapecó no dia 31 de maio de 2006.

disse daquele jeito pra minha avó que tratasse bem e cuidasse dela, não levou vinte dias e ela morreu, ela não casou, então ele falava a verdade assim, mas para poucas pessoas ele falava, ele sabia quem não tinha fé, quando vinham ver ele, ele não aparecia, não vinha né, era um santo monge.⁴¹

E ele ficou parado lá, e daí disse: “óia, você vai ter um prejuízo bem logo, vão, vão, vão tê um baita dum prejuízo”. Daí pediram se não tinha jeito de evita e daí ele disse – “não, isso não tem jeito de evita” e saiu, disse adeus e saiu. Ele só disse assim, “só que tu vai ver que quem te deu o prejuízo, não vai dura mais de seis mês, ele vai morrê”⁴²

Coincidências ou não, o fato é que para estas pessoas João Maria anunciava e falava a verdade, embora demonstrasse zelo e tato ao anunciar fatalidades e mortes. A expressão “São João Maria já tinha dito que isso ia acontecer” é bastante recorrente por parte dos entrevistados.

Onde está São João Maria (ou para onde foi)?

Há quem diga que morreu, outros afirmam que ainda anda pelo meio do povo, há quem diga: ele nunca existiu, outros relatam que seu desaparecimento é consequência dos tempos que vivemos e já haviam sido anunciados pelo monge. Dona Maria, cabocla que vive na Linha Cachoeira em Chapecó, diz que:

Eu vi o São João Maria, nunca me esqueço. Ele disse que ia chegá um tempo que ele não ia mais andá porque ia tapá o mundo de cerração pra ele, por causa da fumaça dos filho que fumavam perto dos pai. Ia fechá, ia chegá um tempo que ele não ia andá mais, ele disse pra nós: vocês vão me ver agora, mas mais tarde você não vão mais vê, porque vai tapá o mundo de cerração pra mim e eu não vo mais enxergá vocês.⁴³

Nesta narrativa é evidente a metáfora sobre as relações familiares. Um tempo de fumaça por causa dos conflitos entre pais e filhos e a ganância dos homens. Outra narrativa semelhante a essa foi registrada na entrevista realizada com a senhora Rita Fernandes da Silva,

Depois ele sumiu, sumiu e não apareceu mais, em lugar nenhum. Mas onde ele aparecia, ele contou tudo esse negócio de família,

⁴¹ Entrevista Realizada com Dona Rita por Mirian Carbonera e Caroline Tedesco Duarte, às 14h20min na sede de Chapecó no dia 30/01/2006.

⁴² Entrevista realizada no dia 23 de janeiro de 2006, com o senhor Ademar Ribeiro na Linha Almeida, às 14h29min, entrevistadores Arlene Renk e Caroline Tedesco Duarte.

⁴³ Entrevista realizada por Josiane Geroldi na Linha Cachoeira, interior de Chapecó-SC, com a Dona Maria, no dia 23 de junho de 2010.

que acontecia, de casal que iam casar só pra aparecer e não iam ter uma vivência bonita, ia chegar um tempo que os filhos mandavam nos pais e os pais não iam mandar nos filhos. As mulheres bastava o marido olhar com o olho torto e ela abaixava, e não ia ter mais uma família assim respeitada, as família ia chegar um tempo que cada um pra si e Deus por todos, ninguém mandava ninguém.⁴⁴

⁴⁴ Entrevista Realizada com Dona Rita por Mirian Carbonera e Caroline Tedesco Duarte, às 14h20min na sede de Chapecó no dia 30/01/2006

Como podemos perceber, as profecias de São João Maria envolvem as transformações dos valores morais e as mudanças entre as relações tradicionais das famílias, de certa forma são usados pela população como explicação para o que se vive no presente, e como uma justificativa para as relações familiares. Para Welter, essa repetição da temática dá a dimensão de sua importância entre os “joaninos” ela diz que,

Os discursos proféticos de João Maria servem para os joaninos interpretarem seu próprio mundo especialmente quando este se configura de forma confusa, violenta e desestruturada. São estes e outros os aspectos que vão caracterizando, para os joaninos, o mal do mundo. (WELTER, 2007.p.167)

Embora a grande maioria dos discursos se refira as aparições do monge no passado, há quem diga que ele ainda anda por aí, e afirma ter o visto há pouco tempo.

Conta, quando ele voltô [que] tinha um homem sentado na beira da estrada, né, daí ele olhô pra aquele homem: “mas coitado desse homem, tá fazendo o que aí, na beira da estrada?” e passou. Do gramadinho até na praia deve dá uns 6 ou 7 quilômetros, e quando ele chego em casa aquele homem tava passando por ali, mas recém ele tinha visto o homem lá e quando viu tava passando o mesmo homem ali, com aquela vara na mão. E ele se admirou e ficou pensando: “como é que pode, a recém eu passei por ele, como ele veio a pé tão ligeiro, 6 ou 7 quilômetros, e já tá aqui?!” Daí ficou na história isso aí... Isso aí faz um ano, dois, acho. E daí ele andava por aí, passou por aí com aquela vara na mão, com um prego na ponta, todo esfarrapado.⁴⁵

⁴⁵ Entrevista realizada com senhor Licério Schinaider em abril de 2010 na linha Alto Capinzal, entrevista realizada por Adiles Savoldi, Arlene Renk e Bruna Deitos.

São João Maria na luta do Contestado

Como vimos anteriormente, a história registra o surgimento de três monges, todos os três considerados pela população como profetas e detentores de uma mesma sabedoria divina. Segundo a

literatura acadêmica, o monge que estaria relacionado aos conflitos seria o último entre as sucessões e teria como nome José Maria (na ordem de sucessão: João Maria de Agostinho, João Maria de Jesus e José Maria.). Este monge se diferenciava dos outros dois por permitir as aglomerações em seu entorno e por preferir a vida coletiva à vida privada e errante.

Os feitos de José Maria estão ligados a luta pela terra com destaque para a guerra do contestado (conflito apresentado anteriormente no item 4.2). Este monge teria organizado os redutos ou cidades santas para agrupar aos caboclos e sertanejos, vítimas da desapropriação de terras provocadas pela Brazil Railway Company e ex-trabalhadores da estrada de ferro. Nestes redutos, José Maria (ou João Maria) cuidava dos doentes com plantas medicinais, batizava as crianças e servia como consolo as pessoas que cada vez mais iam se aglomerando buscando segurança e proteção.

Ao analisar as personagens recorrentes nas narrativas orais da cultura cabocla nos possibilitamos uma “interpenetração entre culturas”, entramos em contato com os ensinamentos e a sabedoria que o outro pode nos oferecer. Redescobrimos seres mitológicos e lendários que constituem o imaginário social caboclo.

O registro das diferentes narrativas, em que os personagens mais recorrentes aparecem também nos apontou a força que determinados seres e coisas têm na cultura e no imaginário social.

São João Maria, surge como um personagem que interfere diretamente na religiosidade, através da transformação dos rituais de batismo realizados nas fontes de água santa, no cumprimento de promessas, no culto e na preservação dos espaços ditos como abençoados. Interfere também nas condutas morais, através do cumprimento de suas profecias, suas maldições, pragas destinadas a lugares e pessoas que se mostravam de mau caráter e egoístas. João Maria prezava pela simplicidade, pelas pequenas coisas, pela palavra e pela generosidade, até hoje interfere também na sabedoria do povo, através dos ensinamentos sobre o trato com ervas, animais e com as próprias pessoas. Para a população cabocla é a representação da fé incondicional, é santo vivo (mesmo que no imaginário).

Bruxas, lobisomens e visagens existem! Não importa onde estejam, se são palpáveis, explicados ou não pela ciência. Estão vivos no imaginário e interferem diretamente no modo de vida de quem com eles convive. As provas de suas existências estão no

momento em que se soca a roupa da criança no pilão para livrar a criança do mau olhado da bruxa. Quando a sétima filha é batizada nas águas Santas de São João Maria pela irmã mais velha para que não carregue o fardo bruxólico. Quando se diz que a criança está magrinha porque a bruxa lhe sugou o sangue pela mãozinha. Quando o lobisomem “cavoca na vêra do barranco querendo entrar em casa”. E existem com força ainda maior, quando não se sai de casa ao anoitecer para não encontrar com visagem. Quando não se passa em encruzilhada ou em lugar onde já se enterrou defunto, para não correr o risco de encontrar com a alma do falecido.

Os sentidos nos foram sendo apresentados pouco a pouco, saboreamos as narrativas e terminamos com a certeza da contribuição para a preservação do patrimônio cultural imaterial da cultura cabocla. Embora já se tenham feitas pesquisas e registros, o aprofundamento em determinados aspectos possibilita um maior entendimento do objeto estudado. Segundo Geertz “A interpretação antropológica não deve ser vista como uma operação exata, entretanto ela não pode ser lida e entendida fora das exigências do rigor científico: é preciso buscar na cultura categorias de análise para procurar entendê-la por dentro”. (CORRÊA, 2008, p.16.).

“Então tudo que ele falava eles guardaram
por lembrança e era uma história deles.
E quem se lembrasse dele, ele faria a virtude”! Caboclos

Referências

AURAS, Marli. Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1984.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. **Einaudi**, N. 5 Antropos, 1985.

CALAVIA SÁEZ, Oscar. **Fantasmas falados: mito, escatologia e história no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

CALVINO, Italo. Se um viajante numa noite de inverno. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

CÂMARA CASCUDO. Dicionário do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro: INL, 1954

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: **Obras escolhidas** : , São Paulo: Brasiliense, 1996.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

DIOCESE DE CHAPECÓ. O povo canta sua vida. Secretariado Diocesano de Pastoral. Passo Fundo, Edição Berthier, 1986.

FELIPPE, Euclides José. **O último Jagunço**. Curitiba: Universidade do Contestado, 1995.

FERREIRA, N.T. **Imaginário Social e Educação**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.

HOBAL, Michele Aparecida. **Paisagens “Contestadas”: o turismo como elemento transformador do espaço regional – o caso de Calmon, SC/ Brasil**. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPr, 2009

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **La Guerre Sainte au Brésil; Le Mouvement Messianique du Contestado**. São Paulo: USP, 1957.

RENK, A; SAVOLDI, A. **Contestado: tropos, roteiros, imagens e linguagens**. Cadernos do CEOM (UNOCHAPECO), Chapecó, v. n. 20, n. ano 17, 2004.

RENK, Arlene e SAVOLDI, Adiles. **Os caminhos de São João Maria: manifestações populares da fé no Monge**. In: <http://www.ram2009.unsam.edu.ar>

SERPA. Élio. **A Guerra do Contestado (1912-1916)**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

THOMÉ, Nilson. **Trem de Ferro: história da ferrovia no Contestado**. 2. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

_____. **Breve História da Guerra do Contestado**. Caçador: UnC Campus Caçador; Museu do Contestado; INCON, 2005.

VALENTINI, Delmir José. **Da cidade santa à corte celeste: memórias de sertanejos e a guerra do contestado**. 2. ed. Caçador: UnC, 2000.

VASCONCELLOS, A.Sanford de. Chica Pelega – A Guerreira de

Taquaruçu. Florianópolis: Insular, 2.ed.2008.

VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. **Messianismo e conflito social; a guerra sertaneja do Contestado (1912-1916)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

WELTER, Tânia. **O profeta São João Maria continua encantando no meio do povo. Um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria em Santa Catarina**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC, 2007.

Abstract

At present, various movements are being created to enhance the cultural manifestations of the “Caboclo” culture of Western Santa Catarina. Through this work, we propose to collaborate with this movement, through the identification and analysis referring to the narratives of oral tradition and the recurring characters in the social imaginary of the Caboclo people. The data was collected from interviews conducted for the construction of the inventory of Intangible “Cabocla” Culture – a work that is part of the “Series Documents” of the Memory Center of Western Santa Catarina. We note that the recurring characters in the narratives of oral “Cabocla” tradition interfere in religious practices, in moral conduct, in the relationships with nature, in the worship of places considered sacred and in a comprehensive way in the life of this population.

Key words: Caboclos, narratives of oral tradition, social imagery, recurring characters.